

Cabo Verde entrou na minha vida académica na segunda metade dos anos 90. Envolvido que estava num projecto de investigação sobre a imigração em Portugal, o meu contacto com Cabo Verde foi através de uma das ilhas do arquipélago migratório. Numa primeira impressão saltou à vista a genuína forma de bem acolher e a generosidade com que falavam com um estranho sobre as suas próprias experiências migratórias. Nesta altura, para mim, Cabo Verde fazia parte de uma cintura urbana de Lisboa. Cabo Verde era um arquipélago de bairros na Damaia, em Oeiras, em Loures, no Seixal. Cabo Verde era uma música ritmada, um cheiro a trópicos e um sorriso aberto em cada mão que se estendia ao meu encontro. Conheci Cabo Verde pelos seus emigrantes e gostei. Na verdade, gostei muito. Anos mais tarde escrevi uma tese de mestrado sobre a emigração cabo-verdiana e visitei, por várias vezes, os arquipélagos: o original e o migratório.

Foi neste vai-e-vem que me comecei a questionar sobre os aspetos identitários singulares desta nação. Quando iniciei o meu doutoramento era já um investigador consolidado e a escolha de um tema fora das temáticas mais objetivas em que vinha trabalhando já não assustava. As minhas questões eram na verdade de uma simplicidade quase infantil: o que significava ser «cabo-verdiano»? Era um sentir, uma forma de estar, uma consciência de um passado comum, uma genética singular? Seria igual ser «cabo-verdiano» em Lisboa, no Fogo ou em Boston? Iniciado o processo de investigação fui navegando várias ideias e entranhando a resposta: afinal Cabo Verde não era (apenas) uma nação mas uma trans-nação. A identidade dos seus constituintes era construída no interior do arquipélago de Cabo Verde (era e é uma identidade pós-colonial em construção) e fora de Cabo Verde em cada uma das ilhas do seu arquipélago migratório. Se tomássemos em consideração o peso relativo das populações dentro e fora de Cabo Verde percebíamos que a nação da «nha terra» e a da «terra longe» se influenciavam mutuamente. Observadas as elites compreendíamos que estas eram o resultado e o amplificador desta síntese: uma parte da construção da identidade é endógena ao território, outra vem de fora para dentro (e vice versa). Quando centrámos o nosso olhar nas comunidades emigradas (re)descobrimos a etnicidade. O confronto com os «outros» ao longo dos séculos da emigração cabo-verdiana implicou uma reconfiguração identitária que criou uma «consciência num

passado e numa cultura comum», isto é, a consciência de uma etnicidade. Porém, ao contrário de outros grupos sociais esta etnicidade era transnacional e não tinha por base uma ideia de nação «pura» mas um processo contínuo de construção identitária. A identidade (étnica) transnacional é, penso agora, uma singularidade de nações como a cabo-verdiana que se construíram em contacto com o mundo e que não hesitaram em transgredir o fechamento grupal tradicional. A emigração continua e continuada ao longo de dois séculos foi essencial para este resultado. A geografia dos destinos migratórios providenciou uma diversidade de contactos que se revelou matricial para a construção identitária. Ao aceitarem o «outro», ao reagirem ao confronto com o «outro» em múltiplas geografias, transformaram uma identidade nacional numa identidade capaz de funcionar em mais do que um plano. Ao integrarem influências do arquipélago migratório como parte da sua identidade tornaram-se um caso interessante de uma identidade ao mesmo tempo singular e global.

É desta história que fala o presente volume. A origem deste trabalho é facilmente apreensível: uma tese de doutoramento em Sociologia na Universidade de Coimbra. A forma como está escrita denota uma incapacidade de simplificar o que (sempre) sentimos que é complexo. Abundam as referências teóricas, a ancoragem em autores e nos seus conceitos, a tentativa de criar teoria a partir da realidade. A densidade da escrita reduz, necessariamente, o alcance da obra mas a ausência desta densidade faria perecer os seus objetivos. Ainda assim, o texto deste livro resume as principais argumentações da tese original e reduz e simplifica a conceptualização, a teoria e o resultado do «trabalho de campo» então apresentado. Ao reduzir o texto perdem-se ideias e contraditório. O Prémio Fernão Mendes Pinto outorgado à tese original possibilita a sua edição e, temos fé, acrescenta leitores ao texto. Ao mesmo tempo, porém, responsabiliza o autor que doravante terá que fazer um esforço maior de explicitação dos conceitos e garantir ao leitor que este é um tema importante para uma peregrinação intelectual. Esta é apenas uma contribuição para um debate e não pretende, em caso algum, esgotar um tema. Não tendo eu «nascido» cabo-verdiano, ao fim de tantas páginas sou, pelo menos, alguém a quem Cabo Verde ajudou a formar enquanto pessoa. É a Cabo Verde e ao cabo-verdianos que dedico este livro.

CABO VERDE Uma nação à descoberta de um transnacionalismo identitário

Pedro Góis

Pedro Góis

CABO VERDE

*Uma nação à descoberta
de um transnacionalismo identitário*

Tese vencedora da 5.ª edição

do Prémio Fernão Mendes Pinto



Pedro Góis, Sociólogo (Universidade de Coimbra, 1996), Mestre em Sociologia (Universidade de Coimbra, 2003) e Doutor em Sociologia (Sociologia da Cultura, do Conhecimento e da Comunicação) (Universidade de Coimbra, 2011). Foi até 2015 docente na Universidade do Porto onde leccionou nas Faculdades de Belas Artes, Psicologia e Ciências da Educação e Faculdade de Letras. É atualmente Professor na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e Investigador do Centro de Estudos Sociais. Tem vários livros e numerosos artigos publicados em Portugal e no estrangeiro sobre migrações internacionais, sociologia da etnicidade e sociologia da identidade. No domínio da emigração e imigração em Portugal e/ou na Europa, tem publicado sobre emigração cabo-verdiana, ucraniana ou emigração brasileira.